

ESCOTISMO
GÊNERO **VIAJINHADE**
BARREIRAS **ROMPENDO**
SEXUALIDADE

Escotismo, Gênero e Sexualidade - Rompendo barreiras.

Sempre Alerta!

Essa cartilha foi pensada com o objetivo de facilitar os processos de socialização e relação dos escotistas, com as temáticas de gênero e de sexualidade. Tal questão que tem sido cada vez mais frequente, requerida e repercutida por muitos jovens. Principalmente, porque é em seu próprio cotidiano que eles são obrigados a lidar com todas as diferenças. Não apenas em seu bairro, sua escola, ambiente de trabalho, no escotismo essa também tem sido uma realidade.

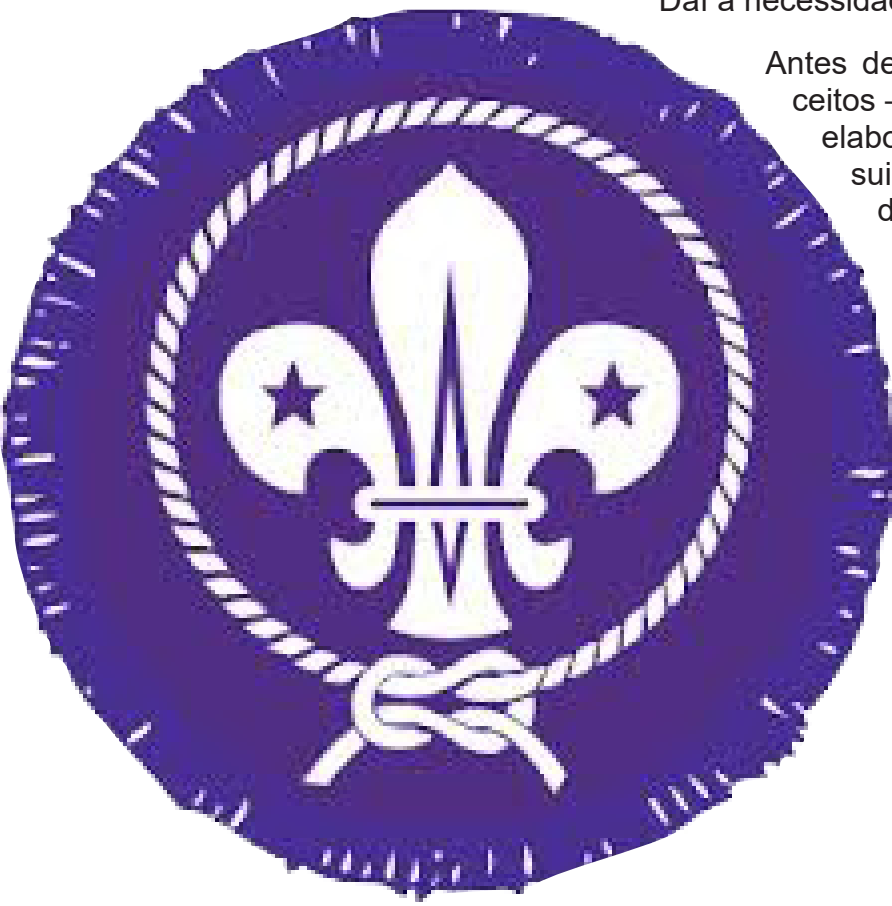
Saber lidar com as diferenças, produzindo um espaço de relacionamento saudável entre todos os membros (jovens e adultos), e proporcionando uma melhor experiência de convivência em equipe é o ponto principal que aqui se pretende alcançar. Não apenas para que os jovens se percebam como iguais, mas para que os chefes possam ajudá-los a superar obstáculos que tratem dessa noção, além de trabalhar relações pessoais e em grupo.

A sexualidade é parte essencial no desenvolvimento dos seres humanos. E o contato dessa questão com o coletivo é um ponto crucial em sua formação. A partir dessa perspectiva, os grupos escoteiros, enquanto espaços coletivos que contribuem na formação do indivíduo devem proporcionar um ambiente receptivo e de igualdade, tendo como objetivo a valorização da individualidade.

A título de esclarecimento: é preciso que já se estabeleça alguns entendimentos. Em primeiro lugar, tem-se que dar o reconhecimento para os chefes responsáveis pela realização do Posicionamento Institucional, (assinado em 2015) contrário à homofobia. É de extrema importância essa demonstração de repúdio ao preconceito. Ela é vital para o processo de diminuição dessa prática em nossa instituição, e ao mesmo tempo importantíssima para o desenvolvimento de um processo de socialização e naturalização de jovens e adultos homoafetivos.

A União dos Escoteiros do Brasil, com certa luta, possui um aspecto pioneiro em assuntos de afetividade e de igualdade de gênero, se comparada a outras associações filiadas à WOSM – (Organização Mundial do Movimento Escoteiro). Em parte do seu material, algumas das questões tratadas aqui, são brevemente mencionadas, mas não são abordadas de fato, muitas vezes nem dignas de nota. Da-se aqui o reconhecimento de menção, mas não de abordagem, como é feito com temas como “Cuidados com o corpo” “lidando com o seu grupo de amigos”.

Daí a necessidade deste texto.



Antes de tudo é preciso estabelecer alguns conceitos – Durante a realização da pesquisa para a elaboração desta cartilha, que você agora possui, percebemos que existe um verdadeiro desconhecimento tanto dos adultos quanto dos jovens, sobre os temas aqui trabalhados. Por isso optamos por trazer um pequeno e acessível resumo das ideias, nomenclaturas e definições que muitos psicólogos, pedagogos e acadêmicos (estudiosos das questões de gênero) utilizam em seus trabalhos.

Assim, espera-se que tenham uma boa leitura e que essa ferramenta permita com que o trabalho dessas questões seja mais fácil e fluido em seus grupo, ramo ou GT.

Matheus Silveira Furtado

O que é sexo?

Refere-se ao aspecto físico/biológico/fisiológico ao qual uma determinada pessoa pode pertencer. Relacionado às características físicas primárias e secundárias do corpo humano.

O que é gênero?

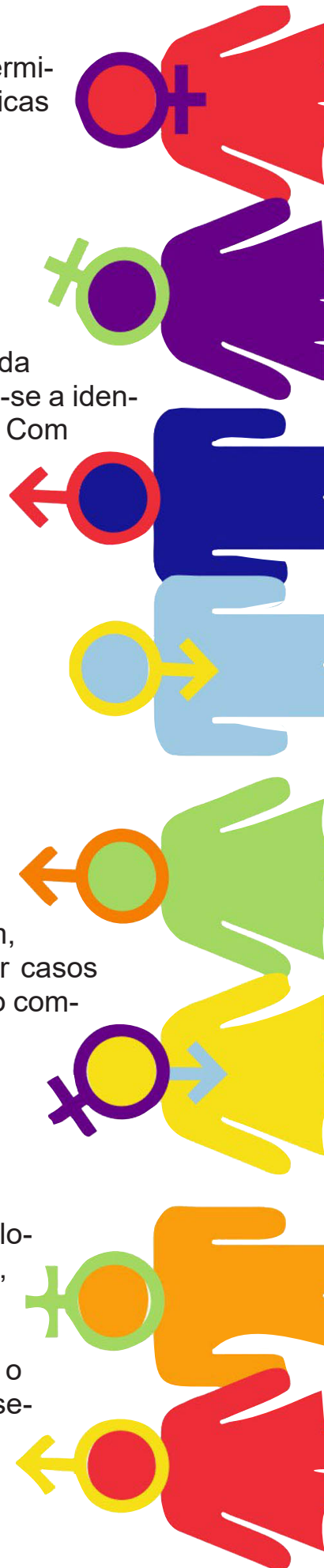
Gênero refere-se aos ideais estabelecidos socialmente para cada sexo. Na nossa sociedade (judaico cristã ocidental) convencionou-se a identificar dois gêneros: masculino e feminino. Mulheres e homens. Com papéis desenvolvidos para ambos. Essa é uma concepção que pode mudar de acordo com as sociedades e culturas, e como cada uma delas desenvolveu respostas para aquilo que encontraram/desenvolveram ao longo de sua história.

O que é Identidade de gênero?

A identidade de gênero se refere ao gênero em que uma determinada pessoa se identifica. Como ela se vê pessoalmente. Homem, mulher ou outro. Essa característica é individual e podem existir casos em que um indivíduo não perceba sua Identidade de gênero como compatível ao seu sexo biológico.

O que é sexualidade?

Refere-se tanto as perspectivas de afetividade quanto às de exploração do prazer individual humano. Hoje em dia ela é percebida, pelos estudiosos da psicologia, como sendo uma característica humana muito mais relacionada ao emocional (afetivo) e psicológico do que ao físico, do prazer sexual. Aqui se entende também o espaço de atuação da orientação sexual. Heterossexual, homossexual, etc...

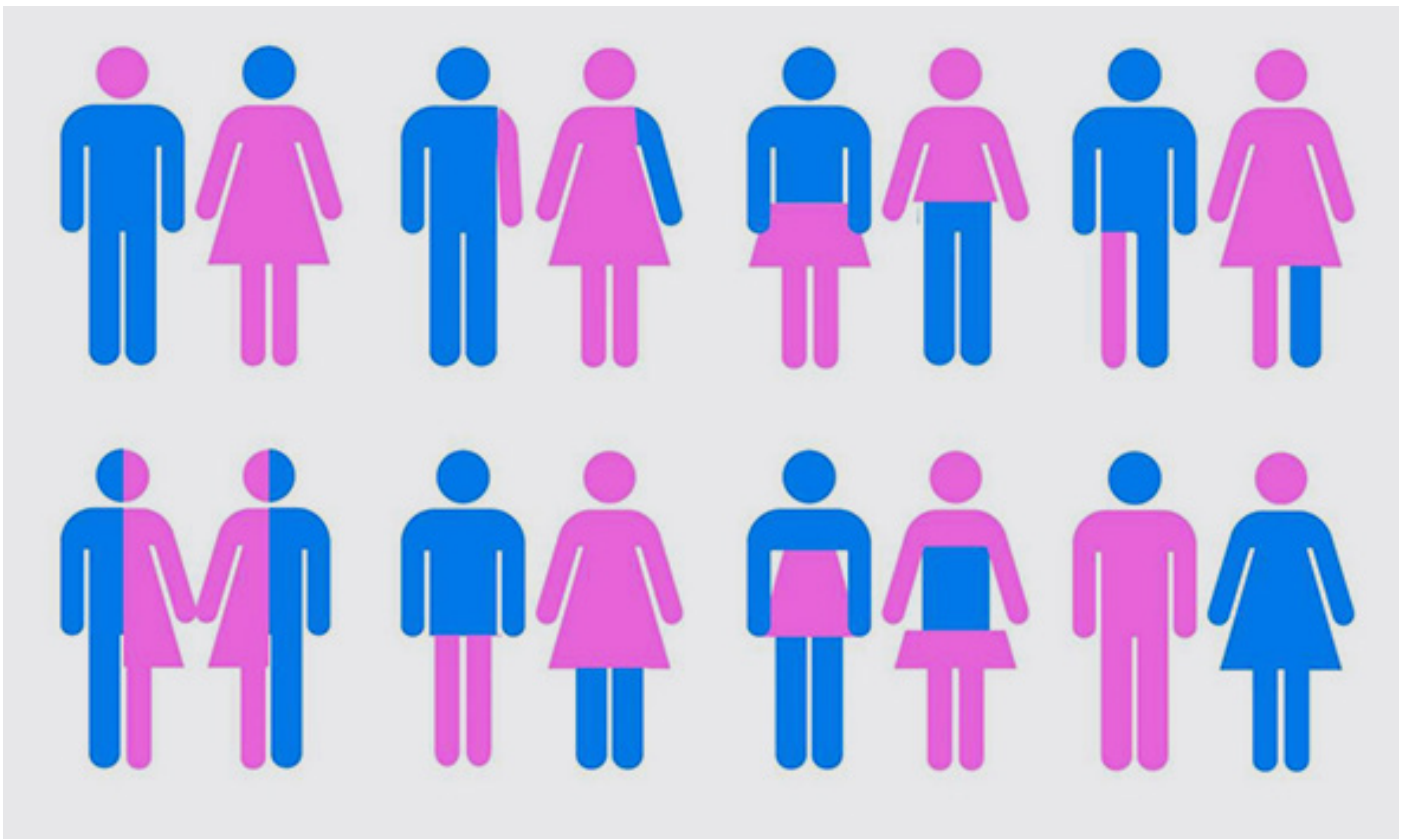


1. Não separe as tarefas e/ou os jovens por sexo e/ou gênero!

Todos viemos em formatos diferentes.

Mesmo que existam diferenças físicas entre os sexos, e que em determinadas fases da vida dos jovens essas características possam ser, de certa forma, equivalentes, elas jamais devem ser determinantes para a idealização e realização das atividades pelos escotistas. **Não se deve pensar em tarefas separando os gêneros, mas sim fazê-lo pelos interesses de cada um.**

A própria noção de cor para um determinado gênero (rosa para meninas, azul para meninos) é uma construção. E merece sem dúvidas um maior detalhamento. Mas por hora é melhor permanecer no foco. Quem dita essa “associação das cores”? Por que ela acontece? Que tipos de brinquedos estão caracterizados? Qual público consumidor? Por qual razão há uma inferioridade do “dono de casa?” Utilizando um clichê, para melhor exemplificar essas noções: utensílios domésticos – Cor de rosa – naturalizando o pensamento para o lugar da mulher/o que uma menina deve fazer. Isso é uma prática que deve ser evitada dentro do Movimento Escoteiro. E que tem vigorado cada vez mais na sociedade brasileira



O machismo é um conceito que nem sempre esteve presente em nossa história. Mesmo durante o século XX as mulheres desenvolveram funções predominantes em serviços essenciais, realizando tarefas consideradas “pesadas”. O melhor exemplo, que ainda vigora e é válido para a nossa sociedade, é o período conhecido como “entre guerras”, quando as mulheres começam a figurar cada vez mais no mercado de trabalho e a participar de forma ativa nas linhas de produção para materiais de guerra. Não possuindo, no entanto, uma mesma igualdade efetiva de direitos sociais assegurados aos homens do mesmo período



Não existem características psicológicas e afetivas que estejam mais presentes “naturalmente” em um gênero do que em outro. Não “é porque ela é mulher que será mais carinhosa”. Essas ideias surgem como uma resposta para alguma realidade histórica, mas que nem sempre apresentam uma verdade aplicável para o momento atual.

Outro aspecto que costuma preocupar os escotistas é com relação ao convívio em momentos mais livres dos jovens. Essa ideia além de equivocada é também ultrapassada. **Não há necessidade de desconfiança com um(a) ou outro(a) jovem apenas porque ele(a) se mostra abertamente diferente.** Separação das barracas por sexo tem sido o mais recomendável pelas novas diretrizes e em alguns ramos facilita de maneira excelente o trabalho, e isso deve ser aplicado para todos. **Não deve haver, como em casos relatados, separação dos jovens de uma determinada orientação sexual, dos demais.** Isso é segregacionista e passa uma diferenciação de tratamento explícita para todos os membros da seção. Quanto à ideia de gênero para divisão dos jovens, essa é uma questão ainda muito pouco percebida, justamente pelo profundo desconhecimento que a grande maioria dos membros adultos do Movimento Escoteiro possui, nesse aspecto é preciso realizar um trabalho de entendimento dentro da seção e com a própria família.

O ponto chave é que o **escotista perceba o interesse de seus jovens**, e a partir dele desenvolva as divisões do trabalho/ramo. Mas claro, caso exista uma perceptível limitação (física) para a realização da atividade requerida, é necessário um plano B. A percepção do escotista e o “ouvir” o jovem é que demonstra a maneira de lidar com determinadas situações.

2. Não permita que se abra um espaço para certos comentários e atitudes.

As ideias ambientalistas acerca da formação do indivíduo são, hoje em dia, muitas vezes consideradas datadas e preconceituosas. Por isso o essencial é que se **valorize tanto o lado individual dos jovens quanto a sua relação em grupo**, no quesito social. Não é apenas pelo convívio coletivo que uma pessoa define as características de sua personalidade, ou seu jeito de ser. Ela também possui características intrínsecas e impossíveis de serem desassociadas dela.

Lembre que **todos são diferentes de sua própria forma**, e que essas diferenças é que fazem do mundo um lugar tão rico e especial para se **explorar**. Elas devem ser respeitadas, independentemente das mais diferentes condições sociais. **E sua seção deve ser justamente um espaço para o convívio equilibrado e saudável com essas marcas de individualidade e autodeterminação de cada jovem.**

Se perceber que o ambiente já não está mais saudável para um(a) determinado(a) jovem é papel do escotista intervir efetivamente. É essencial um trabalho em conjunto para que todos tenham

o espaço de liberdade e convívio, assim, se houver uma ocasião em que alguma pessoa não se sinta confortável ela deve sentir-se a vontade para dizer. O ideal é que **não devam existir tabus, assim não haverá um sentimento de conflito. O diálogo é a essência para a questão.**

Se escotistas e jovens mantiverem um **discurso igualitário, honesto e aberto à outras perspectivas, a comunicação é que fará o papel de educadora** para as duas partes. Para os dois envolvidos deve haver conforto e respeito em suas falas.

É importante bater na tecla da coletividade. O espaço de um G.E. é pensado/voltado/estabelecido para fazer amigos, ter experiências em grupo, construir e alcançar novos objetivos em comum. Mantendo esse foco, essencialmente positivo, poucas vezes surgirão oportunidades de práticas preconceituosas e ofensivas.

Adultos e membros juvenis devem possuir o mesmo patamar de conversa, sem sentirem vergonha sobre aquilo que sentem e como devem falar. O pensamento Rogeriano tem sido a melhor linha de trabalho pedagógica para que ambos elaborem esse espaço mútuo de aprendizagem, respeito e convivência. Uma espécie de trabalho da relação educador e educando, aplicada ao ambiente do Movimento Escoteiro.

Mas uma coisa deve ser mantida sempre às claras, e da forma mais objetiva possível. É preciso que **o escotista trace limites que respeitem o indivíduo.** Deixar explícito que existem lugares e momentos para todas as atitudes é o ideal. Partir do amplo respeito e confiança entre as partes não é semelhante a ser irresponsável.

O estabelecimento (de maneira clara, firme e respeitosa), desses limites, é o ponto de equilíbrio que o membro adulto deve buscar. Essa é uma característica que deve ser colocada para os jovens de todos os sexos, orientações sexuais e identidades de gênero. **Existe uma diferença profunda entre limites e intolerância**, saiba, com ajuda de terceiros, a entender aquilo que você pode-se ou não fazer.



3. Temas para atividades, ouvindo os jovens e trabalhando a questão do "valorizar a diversidade".

Alguns dos temas destinados nesse material são delicados. E cada pessoa possui a sua maneira própria de lidar (ou não) com esses conceitos. Para facilitar o trabalho do membro adulto nessa questão elaboramos propostas de atividades (mesmo que não sejam focadas do âmbito do desenvolvimento físico) que podem ser realizadas por qualquer um que esteja disposto para trabalhar esse tema, possuindo uma característica simples e valiosa para a construção de valores.

Serão atividades pensadas justamente nos **desenvolvimento afetivo, social, intelectual e individual**. Fazem parte de um trabalho de produção de uma sensibilização e compreensão na seção. Essas atividades podem ser aplicadas inclusive para membros adultos, já que nos permitem perceber que tipo de discurso está sendo transmitido pelos envolvidos.

Aqui seguem 4 tipos básicos de sugestões para que o escotista trabalhe as questões de gênero ou sexualidade.

- Debates
- Troca de experiências
- Júri simulado
- Aplicação da cartilha

Os debates

Os debates possuem objetivos claros e simples de serem alcançados. Exigem uma coesão e embasamento das suas argumentações, e permitem: expressar os pontos de vista de uma forma criativa e consciente, ter uma avaliação crítica dos aspectos que podem melhorar em sua seção, desenvolver a capacidade associação e diálogo com o próximo.

Para uma boa realização é sempre essencial que o escotista forneça materiais para a questão que será discutida, sendo igualmente importante a apresentação de questionamentos reflexivos e profundos para o tema.

O material selecionado é também essencial para a questão. É importante que o escotista se questione durante a seleção do material. Que tipo de discurso ele apresenta? De que forma ele pode prender a atenção e ao mesmo tempo passar um conteúdo determinado? Filmes e matérias jornalísticas - do cotidiano dos jovens - são ótimas fontes para o pano de fundo dessa atividade.

Aqui seguem algumas sugestões de **filmes** que discutem tanto as temáticas em torno da sexualidade quanto as de gênero. Peça para que os próprios envolvidos elaborem questões, comentários em torno de um assunto central.

- *Milk. A voz da igualdade.* – Centrasse na figura do primeiro político assumidamente gay a ser eleito para um cargo público nos Estados Unidos. Justamente usando a luta pelos direitos iguais, em um período de perseguição profissional aos homossexuais, para alcançar o poder municipal e desenvolve a luta política na igualdade de direitos.

- *Terra Fria* – Aborda a vida de uma mãe solteira que passa a trabalhar nas minas de carvão para se sustentar, tendo que enfrentar as mais diversas formas de maus tratos por ser mulher.
- *Filadélfia* – Passado durante o auge da epidemia de HIV na Filadélfia, o filme conta a história de um advogado que processa seus empregadores após ser demitido por ser portador da doença. Aborda questões como preconceito e igualdade.
- *Tudo sobre minha mãe* – é um dos filmes ideais para a discussão sobre a relação entre gênero, sexo e sexualidade. Abordando profundamente questões referentes aos papéis que são esperados de cada pessoa e como eles não passam de uma ideia construída artificialmente.

Troca de Experiências.

Essa sugestão é ao mesmo tempo mais simples e mais criativa. Ela exigirá dos envolvidos certa dose extroversão e consciência. E tem como objetivos: colaborar na compreensão do outro, socializar e integrar os membros e trabalhar as habilidades criativas corporais e artísticas. É preciso cuidado com os tons utilizados na dinâmica.

Ela é realizada em três etapas básicas.

1 – Peça para que cada um escreva o seu nome completo em um pedaço de papel, embaralhe os pedacinhos em um recipiente.



2 – Explique a dinâmica de representação de papéis (imitação), e determine um tempo para a sua realização. **Deixe claro que cada um deve tentar se assemelhar o máximo possível da pessoa sorteada, sem fazer chacota ou motivo de riso.** Sorteie os papéis aleatoriamente. E crie situações hipotéticas para que cada um tente resolver a partir das perspectivas de seu novo “personagem”.

3 – Avalie as “semelhanças” entre os participantes, faça anotações e traga para a discussão posterior. **Após o término discuta com o grupo**, o que acharam da dinâmica, como eles se perceberam aos olhos dos outros, e de que forma essas “representações” podem ajudar no convívio interpessoal e entre os membros da seção. **Por qual razão é tão difícil se ver na pele do outro, mas é tão fácil desenvolver julgamentos?**

Júri simulado

O júri simulado apresenta em essência os mesmos objetivos do debate, mas sua dinâmica se dá de maneira diferenciada. A elaboração de papéis específicos (defesa, acusação, júri) permite que os participantes desenvolvam outros entendimentos que não estão em primeiro plano, dentro do próprio enfoque principal da atividade.

Abaixo apresentamos um exemplo de uma situação problema relacionada à temática de gênero e sexualidade. E em torno de tal conflito, ficará cabível ao escotista aplicar os papéis aos participantes, e ver sua atuação ao longo do processo.

Situação problema:

A jovem Y do grupo Y possuía entre 16 e 18 anos, , tinha uma característica comportamental considerada singular “inapropriada para garotas” (a partir de uma ótica mais tradicional). Era assumidamente homossexual. No decorrer do acampamento de grupo essa questão foi levantada por outros jovens e ela, sem demonstração de problemas, a confirmou. Todo o contexto gerou reações diferentes entre os chefes e membros juvenis.

Dentro da chefia de seção a discussão se centralizava em: “onde a jovem iria dormir”. O embate foi demorado e o consenso a que chegaram os chefes foi por realizar uma votação. Se ela dormiria sozinha (em uma barraca destinada apenas para ela) ou se dormiria normalmente, com as outras jovens de sua patrulha em uma mesma barraca. A decisão ao final da contagem foi a de que ela dormiria separadamente. Durante o decorrer do acampamento uma das escotistas da seção aborda a jovem com mais uma barraca e pede para que ela a monte e “se possível” durma nela, “para ver como é que está, se está entrando muita umidade, se tem furos” a jovem concorda sem que haja problemas ou maiores situações.

No fim do dia, duas amigas da jovem Y questionam a escotista se haveria algum motivo especial para que a separassem das demais, já suspeitando que houvesse por trás do ato algum tipo de sentimento homofóbico. Obviamente a resposta foi negativa em busca de se evitar um maior debate e destaque para a decisão da chefia.

A discussão, após os argumentos finais, e os prós e contras deve gerar em torno da seguinte análise:

A atitude de toda a chefia da seção foi errada. Não se pode limitar o convívio desses jovens em nenhum aspecto. Mesmo que existam certas proibições com relação ao “dividir as barracas” a regra se restringe aos **sexos**, e **não** com relação à **sexualidade dos jovens**. Lembrando que ainda **há uma diretriz pelo POR, que estabelece a proibição de jovens dormirem sozinhos em barracas**. Um bom número de sugestão para as atividade é de mais de 3 (três) pessoas.

Essa decisão é condenável e essencialmente limítrofe, mostrando apenas a dificuldade (desconhecimento) que a chefia demonstrou, não apenas em relação ao não confiar na jovem, e a falha na comunicação.

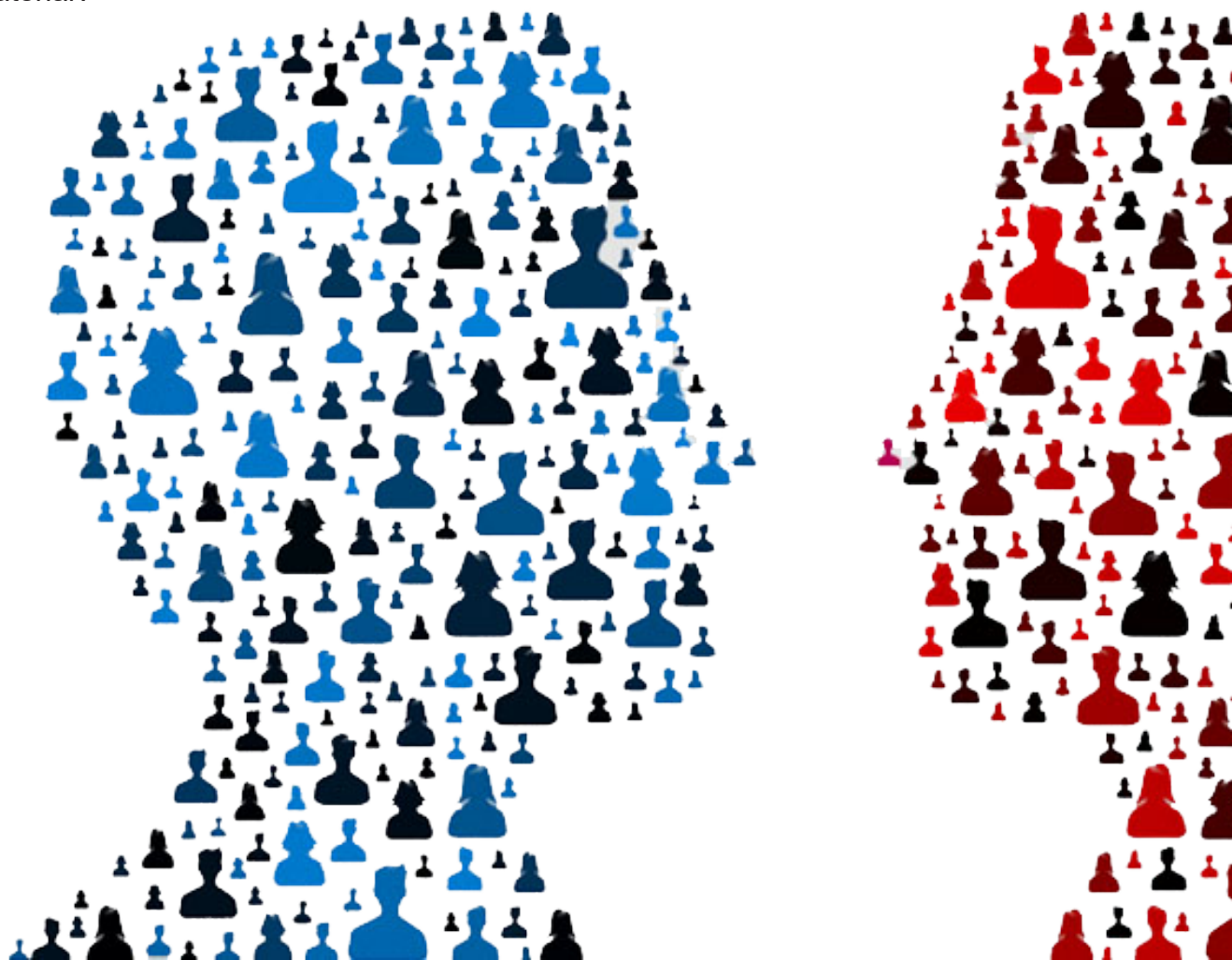
Lembrando, essa é apenas uma sugestão. Outros casos, conhecidos ou não, podem ser trazidos para esse âmbito. E devem ser adaptados ao molde do júri simulado.

Mesmo que essas sugestões pareçam, até certo ponto, engessadas e pouco dinâmicas, o que se busca é valorizar o diálogo e validar as propostas a partir da identificação e da compreensão com as necessidades, dificuldades, possibilidades e habilidades do próximo.

Leitura e discussão da cartilha.

A própria leitura prévia e posterior discussão da presente cartilha passa a ser uma atividade para se desenvolver com seções ditas mais velhas como ramo sênior, clã de pioneiros ou em uma reunião de escotistas.

Há necessidade de um mediador, que deverá ler e puxar questões sobre a leitura do texto. Exemplos dessas questões seriam: como as pessoas interpretam o que leram? Elas aprenderam alguma coisa nova? O que elas sentiram ao ler a cartilha? Se surgiram dúvidas ou pesquisas depois da leitura do material?



Considerações finais

Esperamos que esse material sirva de fato como forma de auxílio para o trabalho dessas questões em cada uma das seções, cabendo aos escotistas o bom senso para como e o que devem ser trabalhados. Lembrando, as ideias aqui desenvolvidas são extremamente diversificadas e complexas, seja por subjetividade ou por fator humano, há muitas interpretações e abordagens.

Os conceitos aqui utilizados basearam-se em uma ampla bibliografia, (de fora do Movimento Escoteiro), sobre os respectivos temas. Eles estão sujeitos a revisões da academia e a novas interpretações ao longo do tempo. **Foram utilizadas análises de cientistas sociais, pedagogos, psicólogos, historiadores e etnógrafos para o desenvolvimento dos argumentos aqui apresentados.**

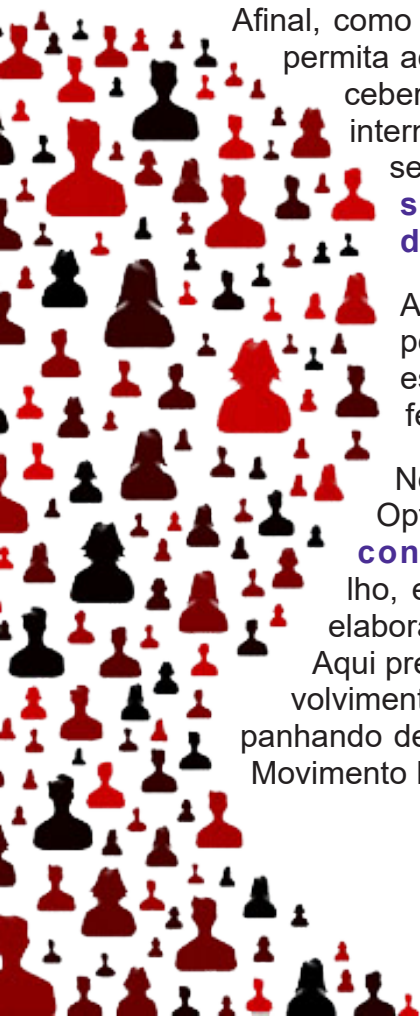
Essas ideias, de cunho mais acadêmico, podem ser encontradas no artigo de mesmo nome, elaborado entre os anos de 2013 – 2014. Incluindo, citações, referências bibliográficas e notas. Há também no mesmo artigo uma seção de análise estatística sobre as demandas, grupos e necessidades de aplicação dos temas dentro do Movimento Escoteiro. **A bibliografia interna do Movimento Escoteiro – mais especificamente aquela disponibilizada em português pela UEB até o ano de 2015 – apresenta ideias muitas vezes generalistas e rasas em conteúdo. Não somente acerca dessa questão, mas também com pontos de vista político - educacionais ambientalistas e quase deterministas, mesmo tendo o destaque de “tocar no assunto”.**

Certamente algumas características aqui foram trazidas para o mais próximo do reducionismo. Mas a necessidade de “acesso à informação” para a conscientização é mais importante para o trabalho do indivíduo, em prol da melhoria no coletivo, não justifica a imprecisão, o que esperamos não haver, mas válida o ponto da simplicidade de fala. Ainda mais para essa temática que tem cada vez mais espaço no cotidiano.

Afinal, como demonstra Hannah Arendt, é preciso que o contexto histórico do coletivo permita ao indivíduo desenvolver também um senso crítico – se não ele jamais perceberá as injustiças e os crimes que ali estão sendo cometidos, por já estarem internalizados e inerentes ao seu cotidiano –, e que essa ferramenta por nós desenvolvida possa ser mais umas das primeiras para a criação desse **processo de mudança, conscientização e atuação indivíduo/coletivo dentro da instituição.**

Assim, esperando uma melhora para os membros (jovens e adultos), e independentemente do espaço de atuação (ramo, grupo, distrito, região) criou-se este produto, focado em processos de relação e socialização. Buscou-se uma ferramenta de apoio e conscientização.

Nenhuma questão pode ser tratada a partir de um ponto de vista “neutro”. Optamos, assim, pela via da educação por meio da **sensibilização e da conscientização.** E o resultado de aproximadamente dois anos de trabalho, entre pesquisa bibliográfica, aplicação e interpretação de questionários, e elaboração do material didático e formador, se encontra nesses dois conteúdos. Aqui presente de cartilha, e o artigo anteriormente citado. Além é claro de o desenvolvimento e atuação prática de uma rede de pessoas que está trabalhando/acompanhando de maneira próxima, a questão da **sexualidade e do gênero** dentro do Movimento Escoteiro.



Referências:

AQUINO, Júlio Groppa. (org.) *Sexualidade na escola*. Ed.: Summus. São Paulo. 1997.

ARENDT, Hannah. *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. 1963. NY.

BADEN POWELL, R.S.S. *Guia do Chefe Escoteiro*. Brasília. 1982. Disponível em: << <http://www.isf-world.org/pdf/chefe-escoitero-br.pdf>>>.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Disponível em: <http://www.miriam-grossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf> último acesso: 20 de fevereiro de 2014. UFSC.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Ed.: Companhia das Letras. 2º edição. 2005. SP.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre Identidade de gênero. 2012. BSB. Disponível em : <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>

LOURO, Gaugira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> último acesso: 28 de fevereiro de 2014.

PEREIRA, Cláudia de Paulo. *A sexualidade na Adolescência*. Fundação Oswaldo Cruz. 2002 – tese de mestrado. Disponível em: < <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4964/2/633.pdf>>.

ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. Ed.: Martins Fontes. 2ª edição. 1961. São Paulo.

SÜFFERT, Rubem. *Compreendendo os fundamentos do Escotismo*. Ed.: UEB. 2ª edição. 1995. Brasília.

Guias/documentos internos à UEB utilizados e analisados para este trabalho:

Nota do Posicionamento Institucional – UEB – 2015.

Guia do Escotista - Ramo Pioneiro

Guia do Escotista - Ramo Sênior

Guia do Escotista - Ramo Escoteiro

Guia do Projeto Pioneiro

UEB – Guia do Projeto Educativo do Movimento Escoteiro.

